

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTOR

D. GUIOMAR TORREZÃO

1.^a SERIE

LISBOA, 5 DE MARÇO DE 1881

NUMERO 11

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

EXPEDIENTE

Na quarta feira publicaremos em extraordinario o n.º 12 com a resposta do sr. Camillo Castello Branco ao sr. A. da Conceição.

Rogamos aos srs. assignantes em debito o favor de remetter a importancia das suas assignaturas á redacção e empreza Livraria Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros, sob pena de lhe suspendermos a continuação da remessa da nossa Revista.

Os srs. assignantes da EVOLUÇÃO que deixarem de receber esta publicação devem comprehender que a empreza os julga indemnizados.

CHRONICA ALEGRE

Afinal não ha nada n'este mundo que não se possa dizer, o essencial é que se diga com graça, ligeiramente, marcando apenas a intenção e cortando rapidamente o periodo, como se faz em uma conversa elegante, entre pessoas bem educadas, em uma salinha estofada, onde a nota artistica, repercutida atravez das walsas de Chopin e expressa pelos luminosos retratos de Carolus, vibre mais alto do que o som do vil metal cantado por Mephistopheles.

Ha, porém, uma pequenina difficuldade que se oppõe em parte á realisação dos meus desejos.

Parece que o espirito, a graça, a *verve* — tres pessoas distinctas e um só deus verdadeiro — não pegam, por mais que os transplantem e intentem acclimatal-os, n'este torrão uberrimo, que guarda toda a seiva fecunda das suas entranhas maternas para os repolhos enovelados e monstruosos como cabeças de gigantes, para as cebolas ou para as oliveiras que produzem o melhor azeite da Península.

Fazer uma phrase, lapidando-a e esmerilhando-a, não é positivamente o mesmo do que esmagar uma azeitona.

E eis aqui porque os dialogos dos nossos salões, as mascaradas dos nossos bailes e a forma das nossas *blagues* demonstraram ultimamente, em face d'esse carnaval que morreu sepultado em cinzas e em presença d'esse suicidio hypothetico que viveu sustentado a agua de bisnagas e a pão de farelos, que nós somos um povo bondoso, pacifico, ameno, cuja sentimentalidade brilha não raro em trovas ardentes e coxas e cuja candidez a sr.^a D. Cecilia Fernandes explora, a vintem por linha; mas que não seremos nunca — oh! nunca, aqui o juro! — um povo engraçado.

Portanto, consequencia fatal do temperamento e da raça, e sem que haja necessidade de consultar para o effeito os admiraveis estudos evolucionistas do sr. Julio de Mattos, as eruditas investigações do sr. Theophilo Braga ou a critica historica do sr. Oliveira Martins, é manifesto e evidente que não preciso infligir um grande supplicio á minha modesta para confessar que me falta o espirito, — essa superioridade brilhante que immortalisou Sterne e Heine — falta que empobrece igualmente os meus queridos collegas e conterraneos.

Reatando, porém, o fio da oração, tendo sempre em vista evitar o effeito soporifero dos discursos longos, que provocam somnolencias invenciveis...

A este respeito lembra-me uma aventura de madame de Geoffrin.

Por occasião de um jantar de litteratos aconteceu assentar-se á esquerda da Geoffrin um romancista fastidioso e monotono como o sr. ...

Nada de allusões pessoaes quando o confessor espera, tendo suspensa sobre a cabeça dos peccadores os cilicios da penitencia.

O romancista, no meio do jantar, teve a engenhosa lembrança de trincar nma gallinha enorme com uma faca microscopica. N'esse critico lance, a espirituosa mulher tocou-lhe no hombro e disse-lhe ao ouvido:

— Meu caro, para agradar aos francezes são indispensaveis duas cousas: facas grandes e historias pequenas!

Onde estava eu?...

Ah! agora me lembro!

Meus queridos leitores e assignantes — d'esta vez é indispensavel revestir-me do aspecto solemne de artigo de fundo, *depaycé* no dominio de uma *chronica alegre*, mas muito mais coherente em relação á Quaresma. — Delfim de Noronha agradece-lhes profundamente reconhecido o acolhimento gracioso que V. Ex.^{as} se dignaram dispensar-lhe; elle formara o proposito convicto de apparecer-lhes todas as semanas, notando desde o primeiro numero das *Ribaltas*, em que elle teve a honra de dirigir-lhes pela primeira vez a palavra, que V. Ex.^{as} não embirravam com o pobre rapaz, que principiavam mesmo a dar-lhe um pequenino logar privilegiado nas suas leituras e outro, incomparavelmente mais valioso, na sua *sympathia*.

O infeliz, porém, deixou de pertencer ao numero dos vivos no momento preciso em que as mascaras caíram ao resoar a primeira hora fatidica de quarta feira de cinza.

Assassinaram-n'o galhardamente os adjectivos da imprensa e a indiscrição amavel dos collegas.

No seu derradeiro lampejo de vida, Delfim de Noronha pede aos leitores uma saudade, dispensando o necrologio e legando-lhes em troca um nome,

GUIOMAR TORREZÃO.

QUESTÃO LITTERARIA

Ao sr. Alexandre da Conceição

Destacamos do artigo do sr. A. da Conceição *O sr. Camillo Castello Branco e a Corja*, publicado no *Seculo* de 3 de março, os seguintes periodos: *(veja o nº. seguinte)*

«Na sala sente-se apenas o zumbir de um bezouro, e ha superstições que pensam que é o espirito aptero da sr.^a Guiomar Torrezaõ entoando louvores ao grande homem em prosa de furta côres.

«Abrimos tambem aqui um parenthesis para rogar a esta illustre dama a fineza de dispensar os nossos artigos da publicidade das suas *Ribaltas*»

«Não temos preocupações de popularidade, e a nossa prosa parece-nos esteril de mais para servir de materia collectavel no orçamento dos alfinetes da insigne escriptora, como s. ex.^a diz de si mesma nas locaes anonymas.

«Que s. ex.^a fique pois sabendo que é prohibido pelas leis d'este paiz a transcripção na integra de quaesquer escriptos sem o consentimento explicito do autor, consentimento que no caso presente não foi solicitado nem sequer pela remessa espontanea do jornal em que os meus artigos eram transcriptos.»

O sr. Conceição, desconhecendo ou fingindo ignorar os mais elementares preceitos da boa educação, teima em embirrar connosco, sendo já com esta duas vezes que allude insolentemente ao nosso nome, pretendendo envolver-nos em uma questão a que somos completamente estranhos.

Este sr. Alexandre faz-nos o effeito de um doido furioso, deba-

tendo-se no collete de forças e pretendendo espancar a torto e a direito a humanidade em peso!

Creia, porém, que não consegue assustar-nos, e para prova ahi damos a maxima publicidade ao seu aranzel grosseiro e supinamente idiota.

Esqueceu que descendemos, em linha collateral, da celebre Maria da Fonte?

Tambem não alcança encolerisar-nos, para isso era indispensavel que o tomássemos a serio.

Responder-lhe-hemos, pois, por esta vez sem exemplo, com duas palavras succintas e sem uma unica pulsação a mais.

Em primeiro lugar, pedimos licença ao mata mouros da Figueira para lhe enviarmos um exemplar do compendio de civilidade do sr. João Felix.

Lá verá s. ex.^a, embora muito deficientemente, que um homem que se preza não insulta, nem mesmo provocado, uma senhora, e que, admittida mesmo a hypothese, que o sujeito não esteja habituado a conviver senão com colarejas, se alguma vez, por incidente, tiver de dirigir a palavra a uma senhora, elle não poderá, sem descer ao nivel do seu aguadeiro, tratá-la por sr.^a fulana, como eu faço á minha criada ou á minha lavadeira.

O sr. Alexandre da Conceição compara-nos a um bezouro... Fugas, credo! longe vá o seu agouro!... E' verdade que o bezouro tem azas...

Pois olhe, a nossa vingança resumir-se-ha a comparal-o a um... carrapato!

Vamos á accusação séria, aparentemente, só aparentemente...

O sr. Alexandre pede-nos que dispensem os seus artigos da publicidade das nossas *Ribaltas* e acrescenta: *Que s. ex.^a fique pois sabendo que é prohibido pelas leis d'este paiz a transcripção na íntegra de qualquer escriptos sem o consentimento explicito do author.*

Calçando a nossa luva côr de perola de dez botões, dos dias solemnes, para apertarmos commovidamente a mão de s. ex.^a em troca da lição gratuita que acaba de dar-nos, permittir-nos-ha o prazer de lhe remetter-mos em troca outra lição, não menos preciosa.

Que s. ex.^a fique pois sabendo que a lealdade jornalística exige implicitamente, entre muitas cousas, algumas das quaes o sr. Alexandre desconhece, que não se publique um artigo de polemica isolado do artigo que o provocou ou de que elle é o provocador, servindo ambos de reciprocas attenuantes, não cabendo em tal caso a humilhação da affronta sem o devido correctivo a nenhum dos adversarios.

A nossa inexperiencia jornalística consultou a tal respeito pessoas auctorizadas e todas aconselharam a inserção dos escriptos do sr. Alexandre.

A louvavel modestia de s. ex.^a, suppondo que desejamos locupletar-nos á custa da sua prosa escalavrada, *para orçamento dos nossos alfinetes*, facecia do sr. Alexandre, duas vezes incompativel á seriedade de um engenheiro e á transcendencia de um discipulo de Littré, acreditando romanescamente, elle, o positivista! que a gloria dos seus escriptos renderia pelo menos um predio, em vez de perceber, como qualquer simples mortal dotado de senso commum, e em vez de agradecer, como qualquer homem delicado, agrade-nos, o ingrato!

Admittindo, porém, que os artigos do sr. Alexandre rendessem á empreza das *Ribaltas*—facto a que somos completamente alheias—um predio ou um vintem, ella, empreza, offereceu ao sr. Alexandre a sua revista semanal, pela remessa da qual s. ex.^a insistiu, solicitando, por signal, em carta que temos á vista, o n.º 6 que lhe faltava, e pedindo que não deixassem de enviar-lhe todos os numeros. Por acaso esqueceu este insignificante promenor, sr. Conceição?

Confesse que poderíamos dizer, applicando a pena de Talião, *que nos parecem estereis de mais para materia collectavel, não dos seus alfinetes, mas dos seus cigarros, os 500 das Ribaltas...*

Mas não diremos, não, não diremos!

Resta-nos pedir ao sr. Conceição o obsequio de documentar-nos, mediante uma prova qualquer authenticca, em que jornal escrevemos e publicámos uma ou mais locaes anonymas, acompanhando o nosso nome do adjectivo *insigne* associado ao substantivo *escriptora*?

Em quanto s. ex.^a não provar o que teve a impudencia de avançar, ficará tido e havido como um calumniador sem imputação.

Resumindo, diremos ao sr. Conceição que, ou sob o aspecto de uma pena ou sob a fórma de uma aza, metaphora engenheira do sabio pedagogo, como elle a si proprio se denomina, o sr. Camillo Castello Branco não precisa dos nossos obscuros louvores. Mas, se acaso s. ex.^a quer absolutamente que aventemos o nosso despretenhoso juizo critico, sempre lhe diremos o que o sr. Camillo Castello Branco é para nós e para quantos desapaixonadamente o julgarem, isto é o primeiro romancista da Peninsula, o primeiro estylista e um dos mais poderosos escriptores de raça de que Portugal justamente se ufana, muito embora o sr. Alexandre proteste no vauco insondavel do seu furor rabido.

GUIOMAR TORREZÃO.

FOLHETIM

HISTORIA DE UMA FLOR

Fiquei triste, inda me lembro,
E ha quantos annos, meu Deus!
Era no fim de Setembro...;
E tão puro o azul dos Ceus,
A aragem tão perfumada,
Tão formosa a tarde, emfim,
Que eu senti-me fascinada
E fui gozal-a ao jardim.

O jardineiro era velho
E côxo, — fóra soldado.
Tinha um rosto bronzeado,
Um farto bigode branco,
Riso alegre, olhar ousado,
E um certo orgulho em ser manco.
Fora um bravo, um destemido
Nas luctas da liberdade.
Era o assumpto querido,
Das suas conversações.
Voltava-lhe a mocidade,

Animavam-se as feições,
Esquecia as suas dores,
E até — milagre inaudito!
Nem lhe lembravam as flôres!

Levava-me desvairada,
No calor da narrativa,
A' montanha alcantilada,
A' praia, ao rio, ás trincheiras,
E o fogo d'enthusiasmo
Que lhe illuminava o rosto,
Fazia-me palpitar!
A's vezes era sol posto,
E eu assistia ao raiar
Das alvoradas primeiras
Do nascer da liberdade!...
— Ai! miragens feiticieras
Da minha feliz idade!

O velho amára a familia,
A patria e a humanidade.
Da primeira, era só elle
Quem restava, e que saudade
Se lhe abrigava no peito.
Que angustia dilacerante,
Ao ver o ninho desfeito,
Dês que a mãe agonisante
O abençoára do leite!...

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos o segundo numero do *Paris charmant*, interessantissimo jornal de modas, habilmente redigido pela distincta escriptora hespanhola, D. Faustina Saez de Melgar. O summario do numero que temos á vista, illustrado com elegantes figurinos, contem o seguinte:

Causerie, Modas, Chronica parisiense, Carta abierta, Poesia, Ayer, Hoy y manana, El pintor aleman, Luz y Esperanza, Los codos de Laroco, Dos Angeles, Musica.

O *Paris Charmant* imprime-se em Paris e é escripto em hespanhol.

Recommendamos de novo ás nossas leitoras esta elegante publicação mensal, que se adquire pelo preço modicissimo de 1\$000 réis por semestre e 1\$900 réis annualmente. Distribuímos com o presente numero da nossa revista um prospecto do *Paris Charmant*. Assigna-se para este jornal na livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87.

PERFIS LITTERARIOS

GEORGE SAND E ALFREDO DE MUSSET

Agora que tanto se tem discutido em França estes dois nomes, que representam dois dos mais brilhantes talentos que attiraram a attenção do seculo, a proposito da publicação da correspondencia inedita de George Sand e Alfredo de Musset, prometida e pouco depois contra annunciada, é occasião de offerecermos aos nossos leitores um capitulo curiosissimo do novo livro de Pons, *Sainte-Beuve et ses inconnues*.

Antes de encarnar nos seus personagens a chamma e os tormentos da paixão, experimentara-lhes previamente as angustias; os seus primeiros livros pôde dizer-se que foram escriptos com sangue vertido pelo coração. Querem o seu retrato definido em duas palavras? Fornecer-lh'ô-ha o reverso da opinião formulada a tal respeito por madame du Defland: «Nem temperamento nem romance.»

A' patria dera a existencia
Na mais flórida estação.
Saudára com energia,
A morte da tyrania,
A aurora da redempção!

Ficára-lhe a perna esquerda
No derradeiro combate;
Mas quando, soada a hora
Do suspirado resgate,
Regressou, caçado e pobre,
Sem familia — sentiu dores
Que se não sabem dizer...
— Foi então que amou as flôres
E jardineiro quiz ser.

Prendia-me áquelle velho
Uma estranha sympathia
Que elle pagava — coitado
Mal que de longe me via,
Vindo contente e apressado,
Quanto a perna o permitia,
Receber-me.

N'essa tarde,
Mostrou-me, com muito affecto,
Fez-me notar os progressos
— D'um arbusto predilecto
Que elle chamava — o morgado,

Aspirando, como todos os grandes corações, a uma ventura que o casamento lhe recusara, procurou-a incessantemente. Mais intangivel do que o sonho de Méry, esse passaro fugaz fugia-lhe constantemente das mãos.

Creada no campo, desfructou muito cedo o jubilo e a poesia que transluzem na amplitude do seu estylo opulento. Nunca, depois de João Jacques, nunca nenhum outro escriptor sentiu tão completamente a alma da natureza, a saude e a alegria da vida rural e os admiraveis quadros que offerece o campo na sua riqueza e na sua variedade. Quantas paizagens risonhas e frescas que o pincel não conseguirá nunca reproduzir! E tudo isto sem o menor esforço, como a arvore produz os fructos, como o rio deriva a onda.

Os criticos, diga-se em louvor d'elles, saudaram com enthusiasmo a sua appareição, applaudiram as suas audacias. Sainte-Beuve, antes de a ter visto, publicou no *Nacional*, onde então escrevia, artigos penetrados de sympathia. É elle mesmo quem refere qual foi a sua recompensa.

«Planche, que já a conhecia, disse-me que George Sand desejava ver-me para me agradecer. Fomos lá um dia de manhã. Vi, logo que entrei, uma mulher moça, dotada de uns olhos bonitos e de uma frente encantadora, emmoldurada de cabellos pretos e um pouco curtos, vestida com uma especie de *robe de chambre* escuro e simples.

Ouviu, fallou pouco e pediu-me que voltasse.

Sempre que as minhas visitas se demoravam, escrevia-me e mandava-me chamar. Poucos mezes, ou mesmo poucas semanas depois, os nossos espiritos enlaçavam-se estreitamente.»

E Sainte-Beuve acrescenta, para não deixar a menor duvida acerca da natureza da sua intimidade:

«Escudava-me então contra qualquer genero de attractivos ou de seducções a melhor, a mais segura e a mais intima das defezas.»

A sua paixão por Adelia attingia n'essa epocha, ainda recente, a maxima intensidade e excluia qualquer infidelidade. De certo a occasião era tentadora: Sainte-Beuve resistiu heroicamente. A excepção confirma a regra.

George Sand atravessava n'essa occasião uma crise de mysantropia. Prestes a desatar uns laços que a incommodavam, perguntava a si propria que amigos ou antes que amigo poderia escolher entre tantos homens de espirito que se offereciam para consoladores.

Uma vez que Sainte-Beuve declinava a honra da preferencia,

Nome honroso que lhe dava,
Por que, na sua innocencia,
Aos morgados tributava
Uma entranhada rev'rencia...
E eu ouvia-o n'esse ponto
Com heroica paciencia.
O arbusto era elegante,
Tinha umas folhas lustrosas
D'um verde alegre e brilhante;
E entre muito botõesinho,
Tinha aberta uma só flôr,
Que era o enlevo e o carinho
Do dedicado cultor.

Era bonita, pequena,
De quatro folhas sómente,
Graciosa como a assucena,
D'álvura mais transparente.

Quando o calor era intenso,
Arranjava-lhe com arte
Uma sombra protectora.
Em noites de frio immenso
Punha-lhe um tecto, um abrigo,
Até que rompia a aurora

Contava-me tudo isto...
De repente ergue-se o norte,
Sacode o fragil arbusto

cabia-lhe o papel de confidente, conselheiro, confessor, para não lhe chamar outra cousa.

Se elle não publicasse, pouco antes da sua morte, sem duvida com o consentimento de madame Sand, as cartas que esta lhe escreveu, não teriamos nunca suspeitado até que ponto elles levaram, um a condescendencia, outro a franqueza.

Eis-aqui alguns extractos d'essas cartas:

«Março, 1833. Então, meu amigo, quando faz tenção de vir jantar commigo? A falta de appetite, não basta; não o obrigarei a comer, mas desejo conversar comsigo em liberdade, e a essa hora ninguem me incommoda... É para mim um bem supremo o seu zelo, a sua amizade que eu invoco cheia de confiança e sem nunca receiar importunal-o.»

Consequentemente, George Sand pediu a Sainte-Beuve que lhe apresentasse alguns escriptores em voga: primeiro pensou em Alexandre Dumas, mesmo apesar da côr; depois em Alfredo de Musset; pouco depois reconsidera:

«A proposito, reflectindo melhor, não quero que me traga Alfredo de Musset. Acho-o muito dandy, não nos entenderiamos nunca, inspira-me mais curiosidade do que interesse. É sempre imprudente satisfazer a curiosidade; vale mais obedecer á sympathia.»

É pena que George Sand não tivesse persistido n'estes bons sentimentos! poupar-lhe-hiam grandes desgostos. Afinal, depois de varias hesitações, Sainte-Beuve terminou a nova consulta de Parnurgio alvitando como experiencia Theodoro Jouffroy, escriptor philosophico de subido valor moral e que se distinguia da maioria dos professores pela graça austera. Ninguem poderia convir mais, sob varios pontos de vista, a uma pessoa que em vez do aguilhão que estimula, necessitava do freio que reprime.

«Meu amigo, receberei o sr. Jouffroy. Elle deve ser bom, candido, inexperimentado para uma certa ordem de idéas que eu vivi e investiguei, que o meu amigo investigou tambem, embora muito menos do que eu. Descobri na sua physionomia uma alma bem formada e um espirito leal.

Intimidam-me um pouco os homens virtuosos de nascença. Aprecio-os como bellas flores e optimos fructos; mas não sympathiso com elles. As pessoas que se tornam crédores da nossa estima inspiram-nos medo, receiamos que nos abandonem ou desprezem se nos mostrarmos a seus olhos tal qual somos; as pessoas que não podemos estimar comprehendem-nos melhor, mas atraioam-nos.»

Evidentemente, a grande romancista partilhava a opinião de certa dama que dizia a uma amiga: «Vês tu, minha querida, á me-

didada que vou conhecendo o mundo sinto que não podemos amar apaixonadamente senão aquelle que desprezamos.»

A entrevista com Jouffroy não corresponderia ás esperanças que suscitara?

Ignoro-o. Provavelmente George Sand comprehendeu que em semelhante assumpto ninguem pode substituir a propria iniciativa, e escolheu definitivamente Musset. Nos primeiros tempos não se arrependeu, segundo se depreheende pelas cartas endereçadas ao confidente:

«Sou feliz, muito feliz, meu amigo. Elle é bom rapaz, e a sua intimidade é para mim tão doce como a sua preferencia me é preciosa. Longe de me affligir ou desconhecer inebria-me a sua candura, a sua lealdade e a sua ternura. É amor de rapaz e uma amizade de collega. É alguma cousa que eu desconhecia, que eu imaginava não encontrar nunca e especialmente n'elle. Neguei esta affeição, repelli-a, recusei-a, até que me abandonei a ella, feliz de o ter feito. O meu amigo tambem se sente feliz. Ainda bem. Depois de tudo, acredite, nada ha no mundo verdadeiramente bom senão isto.»

É ainda no mesmo sentido que ella escreve em um dos seus romances, *O secretario intimo*: «O unico pensamento que me atraíu foi a confiança no amor revelado sob um bello aspecto, a par da tollice da opinião publica, injusta e estúpida.»

Alfredo de Musset, que viveu sempre em boa harmonia com Sainte-Beuve, experimentava por vezes a necessidade de confiar-lhe o excesso da sua ventura.

«Musset falla muitas vezes em ir vel-o e instal-o para que o sr. venha a nossa casa; mas eu opponho-me, não obstante estar prompta a acompanhal-o, se não receiasse que o resultado fosse nullo.»

A lua de mel brilhava no zenith, irradiando o fulgor de um esplendido soneto, dedicado pelo poeta á sua amiga a proposito, talvez, da irritação que ella testemunhara contra a critica.

Musset responde ahí de antemão ás aggressões envenenadas de que George Sand foi alvo.

Qual seria a razão porque não incluíam este soneto nas suas obras completas? Merecia-o elle a todos os respeito; e, a despeito da opinião de algumas pessoas, não deixarei de roubal-o á correspondencia dos dois amantes:

*Telle de l'Angelus la cloche matinale
Fait dans les carrefours hurler les chiens errants,
Tel ton luth chaste et pur, trempé dans l'eau lustrale,
O George, a fait pousser de hideux aboiements.*

N'uma rajada tão forte,
Que o afflicto jardineiro,
Paralysado de susto,
Debalde se oppõe á irosa
Força d'um tal inimigo,
Que quebrando a flôr mimosa,
A arrasta e leva comsigo!...
A poucos passos cahiram
Tres folhas — tristes despojos
Que o velho guardou, chorando,
A quarta, talvez mais leve,
Foi pelo espaço voando!...
Segui-a por longo tempo
Na fuga vertiginosa
Té que de vista a perdi...
Não sei porque, mas senti
Uma impressão dolorosa
Que nunca mais esqueci!...

E o velho, enchugando os olhos,
Ao lenço vermelho e usado,
Dizia, alludindo á folha
Que o vento tinha levado:
— Entre desvelos cresceu...
Quem sabe aonde morreu!

Ai! mulher, quando eu te vejo,
Desenhada, sobre a tela

Das minhas recordações,
Seguida pelo cortejo
Das mais aureas illusões.

.....
E depois, pelo destino,
Tão fatalmente impellida,
Vacillar, perder o tino
E a virtude — o sol da vida!
E da dor no paroxismo
Descer, descer desvairada,
Cahir d'abysmo em abysmo
Pela miseria arrastada!

Tu, tão formosa e honesta,
Criada com tanto amor,
Lembras-me a historia funesta
D'aquella adorada flor!...

Como o pobre jardineiro
Tambem eu murmuro triste,
Sentindo-me estremecer.
Anjo que ao lodo cabiste
Quem sabe onde irás morrer?!

Coimbra.

AMELIA JANNY.

—*Mais quand les vents sifflaient sur tu muse au front pâle,
Tu n'as pas renoué ses longs cheveux flottants,
Tu savais que Phébé, l'étoile virginale
Qui soulève les mers, fait baver les serpents.*

—*Tu n'as pas répondu même par un sourire
A ceux qui s'épuisaient en tourments inconnus
Pour mettre un peu de fange autour de tes pieds nus.*

—*Comme Desdémone, l'inclinant sur ta lyre,
Quand l'orage a passé, tu n'as pas écouté,
Et tes grands yeux rêveurs ne se sont pas douté*

Agosto, 1833.

Em presença de uma tão absoluta adoração, é bom, se se quiser conhecer a metamorphose que se opera nas affeições humanas, mesmo entre as pessoas de espirito superior, citar a pagina onde o amante trahido esboçou, através de um véo diaphano, o retrato do seu idolo. Pertence ella a um dos seus mais formosos contos, *O melro branco*.

«Trabalhavamos juntos. Em quanto eu compunha os meus poemas, ella rabisava resmas de papel. Eu recitava-lhe os meus versos, o que não obstava que ella continuasse a escrever. Alinhavava os seus romances com uma facilidade quasi igual á minha, escolhendo sempre os assumptos mais dramaticos, parricidios, raptos, homicidios e mesmo algumas vezes roubos, não perdendo nunca occasião de hostilisar o governo e de exaltar a emancipação das *merlettes*. Em resumo, o seu espirito dobrava-se a todas as exigencias e o seu pudor a todas as audacias; nem uma só vez riscou uma linha ou traçou um plano antes de pôr mãos á obra. Era o verdadeiro typo da *merlette* lettrada.»

A este lapis odiento, manejado pelo rancor e pelo despeito, pode-se contestar que n'essa união incidental o mais viril dos dois não foi o homem. Absolutamente ao inverso da tradição das Ariadnas, das Medeas e das Didons, d'esta vez a victima do abandono foi D. João, que ficou carpindo o seu desespero em jeremiadas sensibilisadoras. As *Noites* são de certo poesias immortaes, mas contestam a quem as escreveu o vigor masculino consentaneo ao homem. Por honra do sexo barbudo era para desejar que fossem menos lacrimosas.

As confidencias entre George Sand e Sainte-Beuve prolongaram-se até depois do escandalo da quebra das relações com Musset. Entretanto, havia dias em que madame Sand suspeitava que o seu confessor não lhe testemunhava a mesma confiança, exprobrando-lhe a insistencia com que elle se esquivava ás suas effusões:

«Ninguem comprehende nada da sua vida, nem pode partilhar-lhe os jubilos e as maguas!»

Outras vezes, irritava-se a proposito de certas desconfianças e da credulidade dispensada aos calumniadores.

«Sou muito orgulhosa, meu amigo, e maior é o mal que dizem de mim, mais eu me torno altiva e concentrada. É preciso que o estime bem sinceramente para lhe pedir e para lhe dar explicações; não me arrependo, visto que reconquistei a sua confiança e que, segundo espero, nunca mais a perderei; mas com pessoa alguma no mundo desejaria que se repetisse o facto.»

Eis-nos em face da natureza humana, sem nenhum dos aforoseamentos poeticos que de ordinario lhe revestem a nudez.

De certo que estamos longe da Magdalena arrependida, expiando as suas culpas e ungingo os pés do Salvador com o aroma dos seus cabelos.

Em George Sand a paixão emancipada triumphou e reinou despoiticamente, até mesmo por entre os gelos da velhice.

DOMINÓ PRETO.

UM DIVORCIO RUSSO

A Russia é, sem contestação, a terra dos casamentos impossiveis.

Imaginem. E, primeiro que tudo, deixem-me dizer-lhes que o que vão ler é perfectamente authentico, e serve n'este momento de as-

sumpto ás conversações de toda a sociedade de S. Petersburgo e Moscow. Entretanto, occultarei discretamente os nomes, indicando-os unicamente com umas iniciaes de convenção.

Ha mezes, M. N... tinha desposado a menina L... Ambos eram russos, por conseguinte o casamento fizera-se segundo o rito grego. Ambos eram bellos e ricos. Ella, pequena, morena, viva, vaporosa, de fôrmas airozas; elle de uma belleza viril e de estatura elegante.

Nos primeiros tempos tudo caminhou admiravelmente. Os dous esposos amavam-se, ou, pelo menos, parecia que se amavam e nem o contrario se podia imaginar, tão completamente reuniam elles todas as garantias de felicidade.

D'este modo imagine-se o espanto, o assombro que experimentaria a sociedade russa de S. Petersburgo, ao circular um dia o boato de que a senhora N... tinha deixado o marido, indo acolher-se em casa do pae, e seguindo-se os esposos requererem divorcio. E' sabido que pelas leis ecclesiasticas russas, que são as unicas que regulam o casamento e suas consequencias, o divorcio é apenas admittido em dous casos, que devem ser materialmente estabelecidos: doença do marido e adulterio de um dos conjuges. N'este ultimo caso, quando as duas partes estão de acordo em requerer o divorcio, uma d'ellas consente em tomar sobre si a responsabilidade da falta e, como o caso de adulterio deve ser materialmente provado por testemunhas, é ordinariamente o homem quem se submete a tão singular formalidade. E' tanto mais grave para elle, que, segundo a lei, não pôde o esposo, provada a infidelidade, tornar a casar, ao passo que a mulher fica livre, podendo passar a segundas nupcias.

D'esta vez ainda foi M. N... quem acceitou a terrivel responsabilidade da situação. Entretanto L... ia continuando a ficar em casa do pae e não dava indicio algum de que pensasse em casar segunda vez. Passava-se assim o tempo e já se não fallava de M. N... Era no verão, e o pae e filha tinham ido habitar uma casa de campo que possuiam no famoso parque de Pawlosky, cerca de *Vaux-Hall*, onde todas as tardes se reune, para ouvir a musica, a sociedade elegante vinda de S. Petersburgo e dos arrabaldes.

De repente, espalhou-se o boato de que a esposa de M. N... tinha um amante, e tanto ou tão pouco fallaram n'isso as más linguas que o boato chegou aos ouvidos do pae. Este interrogou immediatamente os creados, que confessaram que todas as noites ouviam abrir uma janella do rez-do-chão, habitado pela senhora, e depois passos de homem no seu quarto de dormir. E o facto é que vinham comprovar esta asserção os signaes que se viam nos alegretes.

O pae resolveu adquirir uma prova evidente. Embuscou-se por entre as arvores e esperou que chegasse o desconhecido. Apenas o viu entrar no quarto da filha, entrou tambem.

Não se enganára; era verdade, sua filha tinha um amante; surprehendera-a em delicto flagrante.

Acalmada a primeira commoção, qual não foi o seu assombro reconhecendo que esse amante era, nem mais nem menos, do que o proprio M. N..., o marido divorciado de sua filha!

Ao que parece, esta tinha-o encontrado em *Vaux-Hall*. A principio os dous esposos divorciados não se fallaram; depois, como os encontros se tornassem cada vez menos imprevisitos, chegaram á falla e reuniram-se todos os dias á mesma hora. Não tardou muito que as entrevistas se realisassem nas aleas assombreadas do grande parque imperial, de manhã, quando as aves gorgeavam na ramada, ou á tarde quando o silencio descia sobre os arbustos orvalhados. M. N... nunca achára sua mulher tão encantadora, tão graciosa. Pela sua parte a menina L... todos os dias descobria em seu marido qualidades que até ali nem sequer suspeitara que elle possuísse. Em breve se tornaram os dous esposos, pela primeira vez, apaixonadamente namorados um do outro.

A maioria dos consorcios seria de certo mais feliz se o marido podesse namorar sua esposa e esta reciprocamente, em vez de se casarem por conveniencia ou por intervenção de terceira pessoa.

O resto é sabido de todos.

Cinco mezes depois da surpresa paterna a senhora L... dava á luz uma formosa creança.

Em qualquer paiz que não fosse a Russia o romance — porque isto não deixa de ser romance — teria ficado por aqui. Desde o mo-

mento em que os esposos tornaram a reunir-se, o divórcio estava logicamente annullado.

Mas a lei russa dispõe as cousas d'outra fôrma: não admite a reconciliação entre esposos divorciados; estes não podem tornar a casar.

Por conseguinte o filho de M. N. é ao mesmo tempo legitimo e natural, exactamente como M. N. é conjuntamente marido e amante de sua mulher.

O caso é novissimo, mesmo na Russia, para que toda a gente falle n'elle. Em resumo, parece-nos originalissimo, e capaz de tentar um dos nossos dramaturgos em voga.

Trad.

H. MARQUES.

CARTEIRA DE UM FARCISTA

ACROSTICO REALISTA

Quemia a aragem branda, em noite calma,
 E longe, o rouxinol trinava uns cantos
 Eisonhos, sensuaes; enlevos d'alma,
 Não dignos de epopêa!— Que de encantos!...
 Saiou emfim a aurora, e o sonho então —
 Com sonho que não volta em minha vida —
 Uzia que tu, bella e estremecida:
 Enquanto me durasse a reinação...
 Quahias p'ra fazer-me uma partida.

POLYCARPO B.

RUMORES DOS PALCOS

A actriz Herminia, que se acha ha mezes no Rio de Janeiro, tomou a empresa do theatro Recreio. Inaugura os seus espectaculos com a *Meia de lã*.

*

* *

Deve subir á scena no theatro de D. Maria o drama *O escravo*, original do escriptor brasileiro, dr. Candido Barata.

*

* *

Está actualmente em scena no theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro, uma peça em 4 actos de Davyl, traduzida por Arthur Azevedo e Arthur Barreiros, que tem um titulo singularissimo. Denomina-se *A amante legitima*.

*

* *

Afirmam alguns jornaes brazileiros, que temos á vista, que o actor Brazão, bem como todo o pessoal da distincta sociedade artistica empresaria, que funciona ao presente no theatro de D. Maria, seguirão para o Rio de Janeiro em fim de maio, indo alli representar, entre outras peças, *Othello* e a *Morte civil*.

*

* *

A insigne cantora Borghi-Mamo, que ha duas epochas tem feito as delicias do diletantismo lisbonense, está escripturada para o theatro lyrico do Rio de Janeiro, onde deverá fazer a *saison* com o tenor Gayarre, ou, na falta d'este, com Tamagno.

*

* *

Para beneficio da eminente actriz Anna Pereira ensaia-se na Trindade a opera comica, *O diabrete*.

*

* *

É esperado em Lisboa o actor Guilherme da Silveira no seu regresso do Rio de Janeiro, onde se acha ha bastantes annos.

*

* *

O *Vaudeville*, de Paris, tem em scena uma nova comedia de Eugenio Nus e Carlos de Courey, com o titulo de *Madame de Navaret*. A comedia obteve um successo.

*

* *

No Gymnasio, de Paris, subiu ás provas publicas a *Phryné* de Meilhac, alcançando um grande exito, devido em parte á formosa e intelligente actriz Magnier.

*

* *

Está definitivamente marcada para hoje 5 do corrente a inauguração do novo theatro que acaba de ser construido na Praça Municipal de Aveiro.

A direcção contractou a companhia do theatro de D. Maria para dar alli uma serie de recitas em as noutes de 5, 6, 7 e 8 de março, devendo compor-se das seguintes peças:

1.^a recita — *Mantilha de renda, Amor por conquista*.

2.^a — *Drama novo*.

3.^a — *As nossas alliadas, Desquite, Criado brioso*.

4.^a — *A Estrangeira*.

Os papeis serão desempenhados pelos actores: Brazão, João Rosa, Augusto Rosa, Pinto de Campos, Joaquim de Almeida, Baptista Machado, Antunes, etc., e as atrizes: Falco, Virginia, Rosa Damasceno, Emilia Candida, Luiza Lopes e Maria Adelaide.

*

* *

Agradou muito no theatro do Principe Real, do Porto, a nova opera comica *Os conspiradores na corte*, traducção do sr. Borges de Avellar, musica de Hervé.

CARTEIRA DE PRUDHON

O sr. Fragoso soffrera toda a sua triste vida as maiores insidias á sua cara metade, rompendo esta por vezes no excesso de assentar-lhe significativamente as costuras do fato, com quanto não fosse ella e sim o alfayate, que o tivesse cosido.

Um bello dia, o sr. Fragoso morreu e deixou a esposa herdeira universal da sua avultada fortuna.

— Forte tolo! disse um herdeiro presumptivo, despeitado, legar a sua fortuna a uma mulher que o socava ás direitas!

— Fez elle muito bem, acudiu um espirituoso. Demonstrou-lhe assim praticamente o que é a ingratição ás avessas!

*

* *

O cantor francez Bataille tinha em subido gráo, alem da vocação artistica, a vocação funebre. Acompanhar enterros, escrever necrologios e pronunciar discursos á beira da cova, constituíam a sua mais dilecta occupação.

Bataille não trocaria nenhum dos seus successos pelo momento em que, competentemente encadernado na sua casaca preta, e devidamente compenetrado da gravidade do acto, depois de seguir ao longo de uma avenida do Père-Lachaise ou do cemiterio de Montmartre, exclamava afinal com a sua bella voz abarytonada:

— Mais um tumulo que se abre!

Ou:

— Mais uma alma que voou para o ceo!

Ou:

— O amigo que acabámos de conduzir á sua derradeira morada...

Bataille não possuía nenhum outro competidor n'esta especialidade senão o barão Taylor.

Todo o seu tempo, todos os seus pensamentos dedicava-os elle sem restricções a este luctuoso passatempo. Muitas vezes, ao chegar ao theatro exactamente quando o ensaio acabava, exclamava offegante, com camarinhas de suor na fronte afogueada :

— Fui enterrar Fulano.

— Mas o sr. não o conhecia, observava-lhe o empresario.

— Por isso mesmo!

Os collegas de Bataille convidaram-o uma vez para assistir a um banquete.

Ao *dessert* pediram-lhe para cantar ou recitar.

Bataille, surprehendido de improviso escusou-se, allegando que não se lembrava, que não vinha prevenido. Os amigos insistiram.

Que Bataille dissesse o que quizesse, com tanto que dissesse alguma cousa. Bataille, não podendo eximir-se, voltou-se de repente para Saint Foy, assentado ao lado d'elle, e disse-lhe :

— Imagina que estás morto!

— O que! exclamou Foy, recuando a cadeira.

— Só por alguns momentos... Vou pronunciar um discurso sobre o teu cadaver.

Os convivas trocaram um olhar inquieto.

Bataille revestiu-se então do seu aspecto solemne e começou em tom cavernoso :

— Meus senhores e queridos collegas, o amigo, o homem excelente cuja perda lamentamos deixa um vacuo enorme entre nós... Sainte-Foy já não existe!

Sainte-Foy agitou-se na cadeira e quiz protestar. Bataille obrigou-o a assentar-se.

— Já não existe! continuou; cessou de respirar, o seu sangue, o seu nobre sangue, gelou-se-lhe nas veias... uma pallidez livida espalhou-se-lhe nas feições... Sainte-Foy pagou a sua divida á humanidade restituindo o corpo á natureza. Não é já senão um cadaver!...

Sainte-Foy começou a empallidecer :

— Sim, meus senhores, um cadaver desfigurado, medonho, que amanhã será pasto dos vermes. Quem poderia esperar um fim tão prematuro e doloroso!... Ha apenas alguns dias, fallei-lhe, apertei-lhe a mão, ouviu-o delinear projectos para o futuro... Pobre Sainte-Foy! Foi victima da lei commum, elle tão robusto, aparentemente tão forte!... A morte aniquilou tudo!

— Basta!... basta!... balbuciou Sainte-Foy.

Os outros convivas começaram a partilhar a angustia do pobre Saint-Foy.

O orador, sem pestanejar, redobrava de eloquencia :

— Deixem-me, acrescentou elle; deixem-me cobrir de flores os seus despojos mortaes... Adeos, Sainte-Foy, adeos, pobre e querido amigo! Possas tu encontrar na eternidade...

N'este momento o periodo foi cortado por Sainte-Foy que caiu redondo aos pés do orador...

Tinha perdido os sentidos.

MODAS

Chronica parisiense

A quinzena parisiense, como V. Ex.^a não ignora de certo, é fertil em acontecimentos, por isso que a existencia de Pariz, activa e devoradora, consomme em uma semana a porção de alimento intellectual, industrial, scientifico e recreativo indispensavel para sustentar um longo e demorado anno de qualquer outro paiz. Todavia, maior do que a scintillante vitalidade da quinzena parisiense é a curiosidade com que a minha excellente leitora procura n'esta obscura chronica o que esta chronica lhe prometteu, isto é, modas e nada mais!

Por muito grande que seja o interesse que inspira a V. Ex.^a a politica do sr. Grevy, a eloquencia do sr. Gambetta, o segundo Mirabeau da terceira Republica, os *lazzis* do sr. Sarcey e os successos ruidosos de Vacquerie, o romanescó amigo de Victor Hugo, V. Ex.^a, como descendente legitima da loira Eva paradasiaca, prefere a tudo isso um hom vestido e um bonito chapéu.

E no fim de contas talvez sejamos nós que tenhamos razão! Quem sabe a influencia poderosa que pôde exercer na sociedade uma toilette elegante vestida por uma mulher formosa?...

Deixemos-lhe por conseguinte a elles, aos grandes luctadores vigorosos e robustos, a tarefa de enxertarem a arvore da sciencia.

Cultivemos nós, frageis creaturas ignorantes, a arte de agradar.

Que deliciosas paginas bordadas no oiro estreme do mais puro e elegante estylo que tem brotado de uma penna feminina escreverem a esse respeito madame de Girardin, a loira e radiosa Delfina Gay!...

Ponhamos, por conseguinte, de parte as altas questões transcendentales, que, além de tudo, se as discutissemos, teriam o inconveniente de assemelhar-nos ás yankees de oculos azues e pés compridos e largos como toezas e occupemo-nos d'estes pequeninos assumptos de toucador que constituem a idealisação do nosso *ménage*.

Comecemos pelos penteados.

Como a leitora não ignora, os penteados das senhoras passaram do exagero grotesco de ha 20 ou 30 annos a uma simplicidade monotona e absurda. Não existe actualmente a menor differença entre o nosso penteado e o da nossa cozinheira!

Parece que os cabelleiros conspiravam com os demagogos para nivelarem todas as cabeças ao mesmo tempo que nivelavam todas as classes!

Felizmente, o bom gosto começa a insurgir-se.

Na opera e no theatro francez appareceram ultimamente algumas cabeças admiravelmente penteadas, com os cabellos frisados e soltos em espiraes ondeados, formando no alto uma especie de diadema.

Os penteados lisos, com tranças chatas, ficaram sendo privativos do *robe de chambre* caseiro.

As fazendas adamascadas conhecidas sob a designação de *dammassés*, os setins lisos e bordados a sedas de côres vivas, os surahs e as cachemiras continuam a ver-se.

Vou escrever ás minhas queridas leitoras uma série de modelos lindissimos, destinados ao enxoval de uma noiva pertencente á alta sociedade.

1.^o *Vestuario de baile.*

Vestido de setim côr de malva armado em rufos na parte da frente e no peito e guarnecido com um folho franzido applicado sobre outro folho de setim ouro velho. Tunica (cortada em grandes pontas que abrem sobre o avental) de brocado branco recamada de flores bordadas a ouro e verde malva: dois viezes, um de setim malva, outro de setim ouro velho, guarnecem os bicos da tunica e as abas do corpete. Rendas de Alençon no decote e nas mangas.

2.^o *Idem.*

Vestido de setim azul claro guarnecido com tres ordens de folhos alternados com rendas de Chantylli. Avental de moiré azul bordado a prata. Corpete á Luiz xv, enfeitado com rendas bordadas a perolas e ouro. Grande cauda.

3.^o *Idem.*—Vestido de chaly creme e setim azul claro.

Saia guarnecida com dous folhos altos de chaly alternados com um pregueado de setim da largura de sete centimetros: cauda pos-tiça, tendo na extremidade um folho e uma renda. Tres charpas, sendo duas de chaly guarnecidas de renda e uma de setim orlada com um plissé, cruzam em diagonal, formando uma especie de entrançado graciosissimo: corpete atacado em diagonal, tendo do lado direito um rufo de setim do feitio de um suspensorio e do esquerdo uma renda que se prolonga guarnecendo a aba. Mangas curtas com duas ordens de renda applicadas em sentido inverso.

4.^o *Idem.*

Vestido de cambraia da India. Saia muito enfeitada, guarnecida com um folho orlado de renda e um rufo de valencienne, tendo um entremeio ao centro. Tres charpas com entremeios ao alto e guarnecidas de renda formam o avental, terminando a ultima com um grande laço de cambraia e renda collocado ao lado esquerdo. Cauda muito comprida, enfeitada de entremeios e rendas, assente sobre seda côr de rosa. Corpete de cambraia aberto em coração, forrado de seda de côr de rosa e terminando em bico. Peitinho de setim côr de rosa franzido e pregueado, guarnecido de renda. Mangas curtas enfeitadas de setim côr de rosa e renda.

5.^o *Vestuarios para concerto ou recepção.*

Vestido de surah côr de vinho de Champagne e surah lavado. Sobre uma saia de fazenda ordinaria applicam-se muitas ordens de folhos pregueados, sendo a parte inferior armada em rufos. Charpão de surah lavado atando na parte da frente em forma de laço. Corpo de peitilho com abas cortadas aos lados, deixando ver um fôfo de surah lavado. A aba apresenta atrás o feito postilhado, enfeitada com laços de fita de setim das duas côres do vestido.

6.º *Vestido enfeitado com galões dourados.*

Vestido de cachemira côr de passa e setim da mesma côr. Saia guarnecida na parte da frente com dois folhos altos pregueados e uma charpa orlada de um folhinho, estreito, collocada em forma de avental. Um panno applicado em pregas largas descaí atraz formando segunda saia. Corpo de abas compridas guarnecido com dois galões dourados, e tendo a golla, as algibeiras e as mangas bordadas a ouro imitando as fardas dos diplomatas.

7.º *Vestido para visitas.*

Vestido de seda verde agua, guarnecido com um folho franzido e um largo vize de setim lavado, que enfeita igualmente o corpo e as mangas. Tunica aberta na parte da frente e cruzando atraz duas pontas que descaem uma sobre a outra. Corpo casaca com capuz forrado de setim lavado. Uma franja rica das duas côres do setim e da seda enfeita a tunica, as abas do corpo e as mangas.

8.º *Idem.*

Vestido de setim preto maravilhoso. Saia guarnecida com um folho alto armado em machos, applicado sobre um folhinho pregueado de setim ouro velho. Uma charpa bordada em flores de relevo alto côr de oiro velho cinge a saia em seguida ao folho. Avental cortado na frente em forma de vize e rufado ao centro, tendo na extremidade um bordado igual ao da charpa. A saia termina atraz com um grande fôfo franzido ao centro. Corpete de abas direitas guarnecido com uma tira larga bordada.

Os chapéus que acompanhavam os vestidos eram os seguintes:

1.º *Chapeu Restauração.*

Chapeu de feltro preto coberto de rendas bordadas a contas e enfeitado com uma passadeira de setim escarlate e rosas escarlates.

2.º *Chapeu Christina.*

Chapeu de feltro preto guarnecido com rendas de ouro applicadas em espiral. Laços de fita granada e ouro velho, um na aba outro na frente: *brids* de fita.

3.º *Chapeu Duqueza.*

Copa alta e grande aba. Diadema de plumas de tres côres.

4.º *Chapeu Amazona.*

De setim preto, grande aba levantada ao lado e forrada de setim côr de vinho de Champagne. Laço de setim e molho de plumas pretas e da côr do setim.

A rivederci, dunque!

CONDESSA DE LUC D'ESTRELLE.

INDICAÇÕES UTEIS

PRATA OXYDADA

Agora que tanto se usam os botões e adereços de prata oxidada, indicaremos um processo simplicissimo para dar aos objectos essa côr que é uma transição do cinzento azulado para o cinzento preto. Basta fazer ferver esses objectos, por espaço de meia hora, em agua de Baréges (agua que contém uma dissolução sulfurica de sodio). Em seguida, lavam-se em muitas aguas, depois em alcool, seccam-se e enchugam-se cuidadosamente.

*

* *

LIMPEZA DE LUVAS SEM AS DAMNIFICAR

Sabão branco em pó, 200 grammas.

Ammoniac liquido, 8 idem.

Agua de Javella, 135 idem.

Agua commum, 150 idem.

Forma-se uma pasta, embebe-se n'ella um pedaço de flanela e esfrega-se ligeiramente a luva até ficar completamente limpa.

*
* *

LIMPEZA DOS OBJECTOS DE MARFIM

Basta esfregal-os com casca de limão embebida em sal. Reaquirem immediatamente a nitidez e côr primitiva.

ANTONIO DE LISBOA.

SECÇÃO D'ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS
REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Lisboa	Cada numero 20 réis	Rio de Janeiro—Assignatura
		de 25 numeros . . . 2\$000 réis
Lisboa	Assignatura de 25 numeros 500 »	Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre—95, Rua dos
		Ourives, 95.
Assigna-se na Livraria Zeferino—87, Rua dos Fanqueiros, 87.		

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1881

POR
D. GUIOMAR TORREZÃO
PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO

DE
Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas
PREÇO 240 RÉIS

HISTORIA DE UM GATO PRETO

8.º SONETO

Fallam nas visinhas do saguão:

—Ó visinha Thomazia, quer saber?...
—Então o *qu'ê* que foi, diga-me lá.
—O gato da visinha d'acolá...
—Fez algumas das suas... querem ver?

—Deu um pulo... e que havia de fazer?...
Vae-se ás joias e d'ellas cabo dá.
—O diabo do gato!... ora não ha!...
—O pae, quando o souber, é que hade arder!

—Podéra!... se gastou bem bom metal
Quando em certo leilão a compra fez
D'aquelles bellos oiros todos!— Qual!

Aquillo deu-lh'os (haverá um mez)
O aspirante... o derriço e, por signal,
Comprou-os na rua Aurea, 103.

(Para a semana deita carta o derriço)